

MEMÓRIA E IMAGENS DA FESTA DO DIVINO EM PIRACICABA

Caroline Paschoal Sotilo*

Resumo

Utilizamos para pensar a Festa do Divino em Piracicaba,¹ interior de São Paulo, os registros fotográficos conservados pelos moradores desde o início do século XX, que vêm sendo utilizados como um mecanismo de preservação da memória local, documentando entre outros aspectos as festas locais. Na fotografia temos um elemento desencadeador das narrativas e sugestão para a construção de uma história local, propiciando-se, assim, a movência e, ao mesmo tempo, a permanência de um imaginário, considerado enquanto memória e cultura.

Palavras-chaves

Memória; fotografia; comunicação; tradição; festa; história oral.

Abstract

In order to reflect on the Divine Holy Spirit Festivity at Piracicaba (interior of the state of São Paulo), we used the photographic registers that have been preserved by the inhabitants since the beginning of the 20th century. These registers have been used as a mechanism of local memory preservation, documenting, among other aspects, the local festivities.

The photograph is an element that triggers narratives and suggestions for the construction of a local history, thus enabling the motion and, at the same time, the permanence of a mental imagery, viewed as memory and culture.

Key-words

Memory; photograph; communication; tradition; festivity; oral history.

São muitas as imagens, recordações, lembranças que povoam o nosso imaginário ao descrevermos um evento, uma história, uma festa, a comemoração de um nascimento, a morte, uma conquista, uma graça alcançada. Construção esta que nos possibilita utilizar a fotografia e as narrativas, ambas como suporte dessa memória atualizada e presentificada no discurso.² Nesse sentido, este artigo será tecido com os fragmentos dessa memória guardada nas caixas de sapatos de seus moradores, no interior de uma gaveta, no álbum, dependurada na parede da sala ou em porta-retratos, tornando-se uma espécie de “registro virtual da memória familiar”.³

Um registro, uma conservação que possibilita a continuidade de um passado, as lembranças, os laços afetivos da vida familiar, os ritos religiosos, de casamento, momentos marcantes da vida pessoal, a ancestralidade: “meus avós, meus tios”, “a casa em que nasci”, “o bairro em que vi desenvolver”, são sentimentos de pertença familiar e social resgatados no simples ato de rememorar arquivos fotográficos, tecendo assim sua história, articulando o passado e o presente, ascendentes e descendentes.

Imagens estas amadoras, que “decreta notável aquilo que ela fotografa. O ‘não importa o quê’ se torna então o ponto mais sofisticado do valor”.⁴ Fotos que falam de uma época, de costumes, de histórias que fazem sentido ao observador e repletas de sentimentos e significados pessoais para aqueles a quem a foto pertence.

Resistindo à aceleração do tempo, as imagens fotográficas, por um instante, restituem lembranças “perdidas”, guardadas no fundo da gaveta, mas que a todo instante vêm à tona quando evocadas por um objeto, uma foto, um sabor e até mesmo por um aroma.⁵

Assim o “rumor do tempo” paira sobre o ar, as ruas, casas, edifícios, árvores, rio, gente, e se fixa, por um instante, na fotografia, objeto a que podemos sempre voltar e “dar uma olhadinha” para despistar a saudade.

Nesse sentido o atributo mais imediato que podemos identificar em nossa memória-imagem é o de “garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são destino de toda vida humana”.⁶ A morte, fim biológico do ser humano, o momento em que o guardião dessas imagens fotográficas passa suas relíquias para o próximo da família, e este passa para o próximo que passará para outro e assim por diante.

Ao fotografar um determinado instante, quase sempre desejamos deixá-lo para a posteridade, presentificando-se, como um ato rememorativo de eventos significativos, identificando como uma grande narrativa.

Assim, a Festa do Divino Espírito Santo caracteriza-se por um emaranhado de textos, com suas imagens, memórias e narrativas. Um evento que ocorre na cidade de Piracicaba há 178 anos, nas águas do rio Piracicaba, que significa em língua tupi-guarani “lugar onde

o peixe pára”. Uma festa tradicional em que a comunidade ribeirinha (como os demais cidadãos), localizada no contorno deste rio, conhecida como Rua do Porto, dá continuidade a esse evento, realizado de geração a geração, por seus avós, pais, irmãos, vizinhos.

Dentre tantos narradores encontra-se Rosinha, 77 anos, nascida na Rua do Porto, onde passou toda a sua vida. Em meio a sua memória-imagem, guardada numa caixa de sapatos, ela relata sua história, a festa e suas crenças. Seus filhos nas fotos ressurgem pequeninos, num estúdio, forçados a fazer uma pose. As meninas com vestido e laços na cabeça, os meninos com suspensório e calça curta, sentadinhos, prontos para saírem “bonitos na foto”.

Estas imagens não são apenas recordações de uma época em que seus filhos eram pequenos, por detrás delas escondem-se várias histórias que ressurgem no ato em que essas imagens são rememoradas. São tempos difíceis, de sobrevivência, em que a fé era o acalanto para suas dores e as promessas e as crenças no Divino constituíam a sua fortaleza.

Minha menina ia morrer, a primeira, e aí minha sogra disse “faça uma promessa pro Divino”, aí fiz a promessa pra tirar ela de anjo, ela ficou boa. Tirou minha filha de anjo e acompanhou a procissão inteira. Ela saiu primeiro e pediu esmola pro Divino pra rua inteira, depois fez a roupa de anjo para acompanhar a procissão.

Ela era muito anêmica e o médico falou que ela não tinha a possibilidade de crescer, aí fiz a promessa.

Era uma característica marcante as crianças pagarem as promessas feitas pelos pais na Festa do Divino, vestidas de anjo ou de marinheiro, acompanhando a procissão do início ao fim.

Sua crença religiosa é reforçada ainda pelas imagens arquivadas sobre a Festa do Divino, em que se desenvolvem a procissão, os encontros da bandeira no rio Piracicaba, os pagadores de promessa e as bênçãos do Divino em cada cômodo da casa de seus moradores. São ritos identificados nas imagens congeladas, nas casas enfeitadas com altares, a rua desenhada com pó de serra descrevendo passagens da vida de Cristo, os marinheiros, o mastro com o Divino guiando a procissão, os fogos, os barcos, o encontro. Todos os moradores possuem as fotos desse ritual, que foi transmitido de pai para filho.

Meu marido antes de morrer preparava os fogos e eu preparava o altazinho na hora que passa a procissão. Meu pai foi marinheiro, ele era muito devoto do Divino, chegava a festa ele ficava sentadinho esperando a barca descer, ficava contente.

Essa memória-imagem é envolta por várias crenças que constituem a cultura local, o que podemos chamar de um “grande texto”, composto por inúmeros subtítulos. São imagens diversificadas, “coletiva e individual”, que acabam por tecer esse texto da cultura.

A fé religiosa que impulsiona a vida de Rosinha é desvelada nas fotos que indicam sua forte crença nas promessas alcançadas por ela mesma ou por outros com quem convivia. É o caso de Lourdes, 66 anos, que também foi “abençoada” por mais uma graça do Divino.

Eu tava com um problema no joelho, e eu sei que o que eu tenho é meio difícil de sarar, porque é desgaste, mas comprei uma fitinha, amarrei no meu joelho, medi, dei o nó e amarrei lá na bandeira e depois fui ao médico e acabou a dor, eu alcancei.

Se para Rosinha a Festa do Divino significa fortalecer sua fé em suas crenças, nas graças alcançadas e nas promessas cumpridas, para Cláudio, conhecido como Tangará, 64 anos, existe outro significado para essa festa.

Tangará participa há muitos anos da festa, comandando a equipe do “varejão”, uma espécie de grande remo, feito de bambu, utilizado para guiar a barca que leva os devotos, acompanhando o encontro das bandeiras no rio. Narra com grande satisfação o compromisso desse ato, da continuidade de uma festa que se realiza há tantos anos na cidade, e da qual ele se recorda desde seu tempo de meninice.

Antigamente os veteranos tinham a roupa branca, aí vai acabando os velhos, eu tinha a minha equipe, mas é duro fazer um time, tudo eles sabem fazer, eu dou uns gritos, mas eles sabem, é bom e precisa preservar. Aqui tem de novo o filho meu, mais uns dois meninos que trabalham comigo, o Osvaldo que é velho e trabalhou comigo, os irmãos da Lourdes que trabalham muito bem, mistrou um pouco de novo com velho e os novos vai seguindo. Meu pai também participava e nós acompanhava ele.

Se não tivesse eu, teria outro no lugar, sempre tem, procuro sempre fazer o melhor de mim, ponho 150 pessoas em cima da barca, a responsabilidade é nossa. Chega ali na hora do encontro tem que virar a barca, antigamente viravam e iam embora lá pra baixo, nós viramos no lugar, ela não rola um metro. Vêm dois barcos de baixo, um pro lado de lá do rio, outro pro lado de cá, então eles vêm e num determinado ponto a gente cruza, solta os fogos, aí nós viramos e subimos.

E eu sempre comandi a turma, a gente que é mais velho vai dando orientação para os mais novos ir ficando para tocar o varejão, porque senão vai chegar uma hora que não tem mais para tocar a barca do Divino.

Recordações de promessas e graças alcançadas, continuidade de uma tradição, de uma função dentro desse evento, tocar o “varejão”, de participar como festeiro, como é o caso de seu Orlando, 68 anos, e que hoje cozinha para a irmandade, fazendo cuscuz, uma comida típica nesse dia de festa. Orlando narra todo o ritual, registrado em imagens guardadas em seu álbum dedicado apenas a esse evento.

Antes a festa do Divino era muito precária porque não tinha o que tem hoje, essa estrutura, antes era um artar simbólico na beira do rio, feita mais pelos pescadores, pessoal ribeirinha, depois que ela foi tomando impulso e daí com isso a igreja começou a aderir ao movimento. O ritual da festa não pode mudar, o ritual não muda, nasceu com esse ritual e não tem como mudar, se mudar o ritual ela vai perder o valor da festa, vai descaracterizar. A festa tem o ritual do encontro da bandeira, a parte folclórica. O estado de São Paulo são várias cidades que fazem a Festa do Divino, mas com a colaboração do rio só tem, de que é conhecimento nosso, Tietê, Capela de São Sebastião, Anhemi e Piracicaba que é feito o encontro das bandeiras nas águas. Então há uma peregrinação de 40 dias antes da festa, que não é usada em Piracicaba, mas sim onde nasceu a festa, então 40 dias antes há uma peregrinação da bandeira, ela chega assim a bandeira do rio abaixo e a bandeira do rio acima, após 40 dias há o encontro das bandeiras que vem de baixo e de cima é o que sucede aqui no dia da festa. Você observa que um barco desce com a bandeira e um outro sobe e em determinado ponto há o encontro. Esse é o ritual, depois de lá a procissão sai, há mais uma cerimônia da erguida do mastro que os marinheiros que acompanham ergue o mastro, após isso há uma missa campal e queimas de fogos. A procissão faz parte do embarque e desembarque da bandeira no barco. Tem também o ritual dos pagadores de promessa, eles costumam deitar sob o leito e a procissão passa com o bandeireiro por cima do cidadão, é um tipo de pagar promessa.

A bandeira do Divino é o símbolo mais importante de todo o evento e representa o estandarte da corporação religiosa. Tem cor vermelha e branca na região de Piracicaba e o Espírito Santo é representado por uma pomba branca bordada no tecido vermelho. A ave teria aparecido, representando a divindade, no momento em que João Batista batizou Jesus. Já a cor vermelha representa o fogo, que é como o Espírito Santo teria aparecido aos apóstolos no Pentecostes.

Atualmente, a maioria das fitas colocadas nas bandeiras são vermelhas e brancas, mas, de acordo com informações da Irmandade, antigamente fitas de cores diferentes eram fixadas e cada uma tinha um significado. Na tradição religiosa eram cinco cores: branco, preto, verde, vermelho e roxo. Sendo que a cor branca simboliza a alegria e a pureza, a cor vermelha o amor, o verde a esperança, o preto a morte e a tristeza e a roxa a penitência.

As fitas são penduradas nas bandeiras pelos devotos e representam uma graça alcançada, geralmente são da medida da altura da pessoa para quem foi pedida a graça.

Assim o ritual vem se repetindo há anos, tornando-se um forte atrativo turístico na cidade. Alguns traços desses rituais foram se modificando com o tempo, outros permaneceram dialogando com o presente/passado/futuro.

São resquícios dessa memória perpetuada em imagens e narrativas, dando uma certa continuidade e permanência aos rituais da festa. Essas imagens arquivadas em seus álbuns, ou nos jornais, transmitidos de geração a geração, na repetição ritualística, são mecanismos de luta contra o esquecimento, de eternizar uma história. Esse processo tão bem

descrito pelo autor Norval Baitello Junior no livro *O animal que parou os relógios*,⁷ em que analisa a frase “breve é a vida, longa é a arte” (Hipócrates, 460-377 a. C.) pontuando dois momentos: “breve é a vida” o homem, biológico, que terá um destino inevitável a morte e “longa é a arte”, criação do próprio homem, tenta vencer a morte, o tempo, necessita de mudança contínua é o que podemos chamar de cultura, “este campo amplo recebe as contribuições e descobertas de cada indivíduo, de cada grupo social, de cada época, e as perpetua, transmitindo as informações de geração a geração, de grupo para grupo, de época a época”.

Assim como o homem vive em permanente mutação, o mesmo ocorre com a cultura que está sujeita a transformações suscitadas da necessidade de seu próprio criador e usuário. Nesse sentido, ainda segundo Baitello, a cultura, enquanto sistema comunicativo, “tem como principal função a de ordenar as informações de uma sociedade”,⁸ e com isso criam-se ritmos próprios.

Atualmente vivemos em uma sociedade cada vez mais da informação, em que a todo instante seu conteúdo é renovado por outro; isto acaba fazendo com que a cultura tenda a seguir o mesmo ritmo se readequando às transformações, pois, caso contrário, as tradições, por exemplo, tenderiam à esclerose, enfim, ao esquecimento. A sua sobrevivência necessita de sua permanente extensão.

Essa linha de pensamento está intrinsecamente articulada ao artigo intitulado “Cultura é memória”,⁹ da autora Jerusa Pires Ferreira,¹⁰ em que faz uma reflexão sobre o semioticista Iúri Lotman ao pensar a cultura enquanto informação:

A cultura não é um depósito de informações; é um mecanismo organizado, de modo extremamente complexo, que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas novas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as a um outro sistema de signos.¹¹

Selecionamos as informações que interessam, descartamos outras, mas sempre recriando, reorganizando, reelaborando-as. Essa mobilidade está presente em nossa cultura, em nossa memória e por isso necessita de constante manutenção para continuar viva.

A memória assim não pode ser condicionada a um sistema de armazenagem ou a um receptáculo passivo, mas como uma força ativa e dinâmica, sendo que o que ela planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra. Desse modo, esse grande texto cultural acaba por tecer uma colcha de retalhos, pois a memória não começa de um jeito e termina do mesmo, ao contrário, ela se renova a todo instante, criando novos textos, símbolos e significados.

Realmente somos “seres de um dia só”, como diziam os gregos, e carecemos de comunicação, de comunicar nossas experiências, os lugares em que vivemos e coisas que aprendemos. E na tentativa de superar esses medos, e conseqüentemente o esquecimento, utilizamos o mecanismo da memória, que acarreta uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo, somente, mas de um indivíduo inserido num contexto social, familiar, cultural, econômico, político.

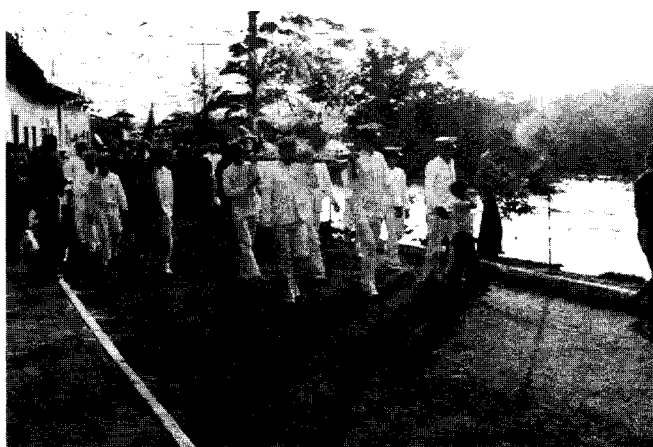
Um dos mecanismos utilizados para a preservação dessa memória são esses registros fotográficos, apresentados neste artigo, que os moradores conservam colecionando imagens desde o início do século XX, documentando principalmente as festas locais, como também o rio, as casas e os moradores.

Na fotografia temos um elemento desencadeador e cooperador para a organização das narrativas e história local, ajudando no estabelecimento de um ponto de vista a ser descrito pelos moradores, pois, compartilhamos com Susan Sontag,¹² a imagem fotográfica não é um documento que retrata fielmente a realidade, esta será sempre mediada por algum meio de percepção vigente em um determinado contexto cultural e tecnológico. Nesse sentido, sabemos que a escolha do ponto de vista de qualquer fotógrafo para a produção de uma imagem incidirá também na técnica, repertório cultural e opção política.

Desse modo, a imagem fotográfica organiza-se como linguagem não-verbal, portanto, sua informação é estabelecida através de elementos indiciais de um determinado contexto, oferecendo para a população um material que potencializa a criação de sentido para a história local.

Esse sentido produz na tradição um movimento duplo: por um lado mantém viva a história local, por outro, reivindica a sua atualização constante, pois se estabelecerá a cada nova geração um olhar distinto sobre o registro fotográfico, a história que representa e o sentido que organiza aquele espaço cultural.

Recebido em abril/2004; aprovado em maio/2004



Notas

¹ Jornalista e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

² Cidade localizada no interior de São Paulo, a 180 quilômetros da capital.

³ O gesto de guardar objetos como recordação possibilita evidenciar o medo do desaparecimento do passado, pois sustenta a lembrança e preserva a memória do local, despertando nos moradores o desejo de reencontrar ou reinventar referenciais esquecidos e, com isso, mostrar a capacidade de não ceder ao esquecimento. Sob essa perspectiva, é pertinente pensar que a finalidade das fotografias expostas nos bares, nas casas dos moradores, e até mesmo nas obras artísticas locais, seria, além de preservar a memória, um mecanismo de diálogo entre o considerado “*novo*” (presente/futuro/apropriação atual do espaço) e o “*velho*” (passado).

⁴ SCHAPOCHNIK, N. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade”. In: NOVAES, F. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 457.

⁵ BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 57.

⁶ Ver MANDELSTAM, Óssip. *O rumor do tempo*. São Paulo, Editora 34, 2000.

⁷ ROUSSO, H. “A memória não é mais o que era”. In: *Usos & abusos da história oral*. São Paulo, Associação Brasileira de História Oral, 2000, p. 95.

⁸ BAITELO JÚNIOR, N. *O animal que parou os relógios: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo, Annablume, 1999, p. 18.

⁹ Id., *ibid.*, p. 95.

¹⁰ PIRES FERREIRA, Jerusa. “Cultura é memória”. *Revista USP*. São Paulo, USP, dezembro/fevereiro 1994/1995, pp. 115-120.

¹¹ Cf. id., *Armadilhas da memória e outros ensaios*. São Paulo, Ateliê, 2004.

¹² Idem, *op. cit.*, 1995, p. 116.

¹³ Ver SONTAG, S. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Arbor, 1981.